

CULTURA

Jorge de Sena – a literatura como inquietação permanente

As comemorações do centenário do nascimento de Jorge Sena prosseguem hoje em Braga com o segundo dia do colóquio Sena Hoje. A filha mais velha do poeta, Isabel de Sena, participou nos trabalhos

Colóquio Luís Miguel Queirós

O colóquio Sena Hoje abriu ontem na Universidade do Minho com intervenções de Vítor Aguiar e Silva, que qualificou Jorge de Sena como “um escritor genial” e “um espírito aberto” que ajudou a “limpar o ranço” do ensino universitário, de Isabel de Sena, que recordou aspectos pouco conhecidos da intervenção do pai no auge da luta pelos direitos civis dos afro-americanos nos Estados Unidos, e que usou uma velha fotografia de família para falar de Francisca, a cabo-verdiana que entrou no clã Sena quando tinha seis anos, e de Rosa Maria Martelo, que partiu do notório desinteresse da poesia de Sena por uma natureza sem marcas humanas para sugerir que essa ausência se articula com a repulsa do autor pelo ver-sejar sentimental e escapista, e com o seu esforço para expandir os registos do género lírico, “com consequências gigantescas” para a poesia portuguesa dos anos 1970 em diante.

Foi um Vítor Aguiar e Silva em grande forma que inaugurou, com uma conferência que durou mais de uma hora, os trabalhos do XXI Colóquio de Outono do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, este ano inteiramente dedicados a Jorge de Sena, que terminam hoje com uma sessão de encerramento a cargo de Jorge Fazenda Lourenço, durante muitos anos o principal colaborador de Mécia de Sena na edição da gigantesca deixada pelo autor.

Apresentado ontem de manhã por um dos organizadores do encontro, o ensaísta Carlos Mendes de Sousa, Aguiar e Silva, fundador do centro que acolheu este colóquio, caracterizou a visão que Sena tinha de uma metodologia científica de abordagem ao texto literário, mostrando como este recusou simultaneamente o impressionismo e o dogmatismo crítico, mas também qualquer tentação de propor uma ciência da literatura fechada e imutável, que “traíria”, argumentou, “a sua concepção da literatura como uma inquietação permanente do homem e da vida”.



O autor de *Teoria da Literatura* – e do volume *Jorge de Sena e Camões: Trinta Anos de Amor e Melancolia* (Angelus Novus, 2009) – começou com uma desabrida citação do próprio homenageado, retirada do seu primeiro livro de ensaios, *Da Poesia*

Portuguesa (Ática, 1959): “A literatura é algo de somenos que nunca me interessou. Salvo raras excepções, que me espantam, sempre a achei uma forma de analfabetismo. Exactamente como o ensino universitário.” E prossegue Sena por interposto

orador: “Uma e outro não conferem cultura, mas ideias feitas, preconceitos, muita presunção vazia.”

Reconhecendo que não escapou nem à literatura nem à docência universitária, Sena contrapunha, no entanto – e este era o ponto que inte-

ressava ao tópico que Aguiar e Silva se propôs abordar –, que tivera “a sorte” de receber uma formação científica e técnica na Faculdade de Engenharia do Porto. “Isso me deu uma disposição de espírito que me dificulta a compreensão dos literatos”, observa Sena. “Sempre me parece que não estão falando de coisa alguma, quando não comentam a vida alheia.”

“Literato”, notou o orador, é sempre um termo depreciativo em Sena, que numa entrevista dada no mesmo ano em que sai o volume referido por Aguiar e Silva dá uma entrevista em que explica que aprendeu em Petrólio que os “*litterati*” eram os escravos fugidos e recapturados que passavam a ter gravado na testa o nome do respectivo senhor. E concluía: “A coisa serviu-me de lição.”

Erudição e eruditismo

Na sua notável exposição do projecto teórico e crítico de Sena, Aguiar e Silva recorreu também à distinção que Sena fazia entre erudição e “eruditismo”. A primeira era algo que faltava aos críticos impressionistas e que, em Sena, que a possuía em grau reconhecidamente superlativo, correspondia, inventariou o orador, a “um *thesaurus* de conhecimentos de ordem histórico-social, genealógica, política, religiosa, filológica, comparatista, de capital importância para o estudo de um autor como Camões”.

Já o “eruditismo” era uma espécie de versão estéril da erudição, que Sena atribuía a camonistas como Costa Pimpão ou Hernâni Cidade. Referindo-se aos seus estudos camonianos, Sena, lembrou Aguiar e Silva, observou: “Nas minhas notas há erudição bastante para enfaixar essas múnias sobrevivias.”

Considerando “espantoso o horizonte de informação de Jorge de Sena”, o conferencista lembrou que este conhecia e citava as teorias do formalismo russo ou da escola de Praga quando ninguém falava delas em Portugal, e inventariou depois um número bastante impressionante de autores dos mais diversos países e correntes teóricas que o poeta português conhecia, precisando muitas vezes o que Sena devia a cada um

Sena via aquilo a que chamava a “universidade literária” como “frequentada por carreiristas para os quais a literatura é uma profissão de ensinar meninos”

Vítor Aguiar e Silva

deles, e também o que rejeitava. No fim era difícil decidir se nos devíamos assombrar mais com a erudição de Sena se com a do próprio orador.

Num auditório quase integralmente preenchido por professores e estudantes universitários, Aguiar e Silva explicou que Sena via aquilo a que chamava a “universidade literária” como uma instituição “frequentada por carreiristas para os quais a literatura é uma profissão de ensinar meninos e para quem a cultura e os seus problemas nada têm de vital”.

A história de Francisca

Isabel de Sena começou por mostrar uma fotografia antiga de família, onde se vê o pai rodeado de primas, tias e outra parentela. Lembrou depois a

viagem que Sena fez no navio-escola *Sagres*, em 1937-1938, na sua gorada tentativa de fazer carreira na Marinha, que o levou ao Brasil, mas também a Angola, Cabo Verde e São Tomé, e ainda a sua posterior viagem a Moçambique em 1972.

Essa viagem dos anos 1930, nota Isabel de Sena, irá repercutir-se em vários dos seus contos, incluindo o primeiro que publicou, *Porto Grande*, publicado em 1942, no mesmo ano em que se estreia como poeta com *Perseguição*. Um conto em que uma mulher com uma criança ao colo a oferece a um jovem marinheiro, pedindo-lhe que a leve para que não morra à fome.

Numa intervenção em que abor- dou o colonialismo do Estado Novo,

mas também a luta pelos direitos civis no final dos anos 1960 nos Estados Unidos – contou que a casa da família se enchia com os alunos do pai, a juntar à extensa prole do casal, e que Mécia de Sena cozinhava sopa e arroz para toda a gente enquanto seguiam os acontecimentos pela televisão –, Isabel de Sena explicou que uma razão fundamental para Jorge de Sena ter trocado a Universidade de Wisconsin-Madison pela da Califórnia foi o facto de a primeira ter traído as garantias que começara por dar aos estudantes afro-americanos, que Sena co-representara junto das autoridades da instituição.

E foi só no final que se percebeu inteiramente o percurso da sua comunicação, quando voltou à fotografia

que mostrara no início para confessar que não chamara a atenção para uma das pessoas presentes: Francisca, uma cabo-verdiana que fora “oferecida” ao pai de Jorge de Sena quando tinha seis anos e que nunca mais voltaria ao seu país, tendo ficado em casa da avó de Isabel até se casar. A história do primeiro conto de Jorge de Sena é, explicou, a história de Francisca, que tanto ela como quase todos os seus irmãos conheceram desde que nasceram.

E acabou a sua comunicação mostrando a entrevista que Joacine Katar Moreira deu ao PÚBLICO no final de Outubro. “Achei que era apropriado terminar com esta foto que saiu no PÚBLICO com esta mulher espantosa”, justificou, fazendo a sua frase da

deputada do Livre escolhida para título da entrevista: “Sem igualdade, não há liberdade nenhuma.”

Na sua intervenção, intitulada *Sena e o Dispositivo Lírico*, que já não será possível abordar aqui sequer resumidamente, Rosa Maria Martelo tenta perceber o que significa a ausência do mundo natural em Sena, mostrando como na sua poesia o corpo, e mais precisamente a sexualidade, constitui o ápice da pertença do ser humano à natureza, pelo que seria essa a única exterioridade a nós mesmos que nos é dado experimentar”. Daí que Sena reclame ter escrito, lembra, os poemas mais rudemente sensuais do seu tempo.

lmqueiros@publico.pt

PUBLICIDADE

talk

Trienal de Arquitetura de Lisboa

28, 29 e 30 NOV 2019

talk

Arquitetos, pensadores, filósofos e activistas vêm debater os temas do urbanismo, do ornamento, da permacultura, da imaginação e da economia e meios.

Fundação Calouste Gulbenkian
Bilhetes diários 15€/20€
Passe 40€
À venda na Ticketline

Artwork: Marco Ballesteros (L E T R A)

Parceiros Estratégicos



Programa Financiado por



Membro



Fundos Internacionais



Com o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República o Professor Marcelo Rebelo de Sousa. **Co-produtores:** CCB – Garagem Sul, Culturgest, Fundação Calouste Gulbenkian, MAAT, Museu Nacional de Arte Contemporânea. **Parceiros:** JR Botas, Multiplacas, WMT, Saint Gobain Placo. **Marcas Associadas:** Panoramah!, MPG - Mobiliário de Escritório, CIN, Esporão. **Parceiro Institucional:** Turismo de Lisboa. **Parceiros Internacionais:** Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de la Ville et des Territoires de Paris-Est; Master of Interior Architecture: Research + Design (MIARD), Piet Zwart Institute, Willem de Kooning Academy, Hogeschool Rotterdam; Fundació Catalunya La Pedrera; Fondazione Aldo Rossi. **Parceiros Específicos:** Abet Laminati; Archinfo; Câmara Municipal de Torres Vedras; Campoeste; Cinema Ideal; Downunder; Embaixada da Austrália; EPFL; Oslo School of Architecture and Design; Escofet; Huguet; Placo Tejo; Space Collectors; University of Technology of Sydney; Weber Portugal; Goethe-Institut Portugal e com o apoio da Associação São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. **Parceiros Media:** Archdaily, Architectural, RTP, Antena 2, Construir, Radar, Público, Domus, Artribune. **Hotel:** Heritage Lisboa. **Apoios do Concurso:** Rock – Cultural Heritage Leading Urban Futures; Young Bird Plan. **Apoios:** Canal 180; Cision; Dizplay; Other Features; Largo Residências.